7
O XII Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social (COBRECOS)

Em novembro de 2004, logo após os meus contatos iniciais com a coordenação da Regional Rio da ENECOS, feitos através do Rafael (então um dos coordenadores), recebi o convite para participar do que os alunos pertencentes a ENECOS chamam de o mais "importante congresso da ENECOS", o COBRECOS (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social), que teria sua 12ª edição realizada em janeiro de 2005 no Espírito Santo, por sete dias consecutivos. O COBRECOS é o fórum máximo de deliberação da ENECOS (Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação).

Criado em 1994, tem como função formar a militância, formular, aprovar e planejar o projeto político da executiva durante o ano, o que inclui posicionamentos políticos, diretrizes e ações. Além disso, a cada COBRECOS a chapa eleita – através do voto direto nas "escolas" - assume a gestão da ENECOS por um ano tomando a posse nesse evento. Desde o seu surgimento tem sido chapa única para disputar as eleições. No ano em que acompanhei a executiva, no entanto, pude observar o terreno sendo preparado para a formação de uma chapa de oposição, formada por estudantes descontentes com a atual estrutura da ENECOS.

Estar no COBRECOS seria o meu primeiro contato efetivo com o grupo que optei estudar – até então apenas a troca de correios eletrônicos, telefonemas e a observação de duas reuniões tinham sido feitas. Perceber, logo de início a existência de um racha, de tensões com robusta envergadura, mesmo que promovido por uma minoria, indicava que o caminho interpretativo seria complexo, um novelo a ser deslindando fio por fio.

O encontro possui quatro momentos: formação, formulação, deliberação e planejamento. Para a formação, são organizados os painéis e os Grupos de Estudo (GDs); para a formulação, os Grupos de Trabalho (GTs); para a deliberação, a Plenária Final e para o planejamento, o último dia do encontro subdivide-se em momentos para o Planejamento Nacional, para o Planejamento Regional e para o Planejamento dos Grupos de Estudo e Trabalho (GETs). O COBRECOS é tido como o momento "mais político e pesado" da Executiva, no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

qual só participam os que estão "realmente interessadas na organização do movimento estudantil e não apenas no *oba-oba* ou turismo barato como acontece no ENECOM[15]". Um estudante da USP, pela primeira vez no encontro, me diria depois que "a bateria de discussões é devastadora". Por outro lado, um estudante da PUC-SP, depois de quatro dias de congresso, disse:

> *(...) essa coisa de debater, de todo mundo ter opinião, todo mundo estar interessado (...) é uma coisa nova pra mim, é o primeiro COBRECOS. Isso me deixa muito feliz, perto da convivência que eu tenho com muitas pessoas que não estão interessadas (...) eu estou me relacionando com pessoas que estão interessadas em discutir, isso é muito bom.*"

Há três eixos de discussão - Sociedade, Educação (subdivididos em Reforma Universitária e Movimento Estudantil) e Comunicação, a partir dos quais se desdobram os temas dos Painéis, dos Grupos de Discussão (GD) e os Grupos de Trabalho (GT).

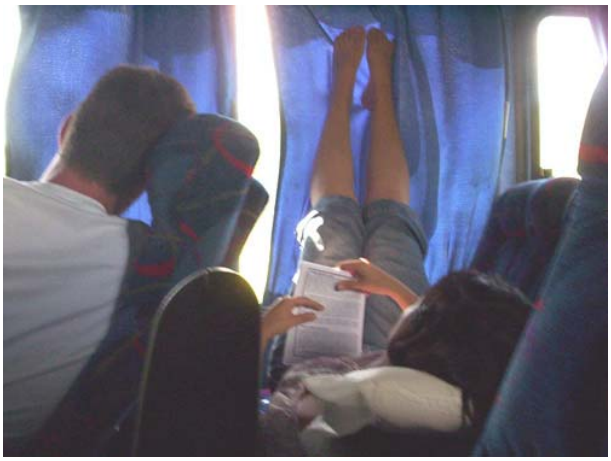
A reconhecida especificidade do COBRECOS preenchia, dessa maneira, meus maiores anseios, interessada nas fontes de mediação que estariam motivando a participação de estudantes num evento desse caráter além das especificidades de um movimento estudantil preconizado por jovens. Há duas formas de participação: como delegado ou como observador. Os delegados, eleitos com base no regime eleitoral, possuem direito de fala e voto e os observadores somente de fala.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

7.1
Fazendo as malas com os estudantes

Aceitei seguir viagem até Vitória – seria uma ótima oportunidade para conhecer melhor não apenas o grupo do Rio de Janeiro, mas estudantes de todo o país. Embora nos tivesse sido pedido para estar às 5 da manhã em frente ao DCE da UFF, em Niterói, foi às 6h que colocamos os pés na estrada. O ônibus, cedido pela UFF, por mais que ganhasse no quesito estofamento e preservação, tinha cadeiras estreitas, ainda mais desconfortáveis para quem não levou travesseiro, como eu. Foi difícil achar uma posição para acalentar um sono e nessa esperança, adormeci com o vento quente tremulando as grossas cortinas azuis – foram os alunos que preferiram não ligar o ar condicionado.

[15] ENECOM é o Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social



Procurei não prestar atenção nas conversas nesse período inicial, até para não soar como intromissão. Só depois da primeira parada que me aproximei da Gilka (que estava com exemplar do jornal laboratório da UFF, "Fazendo Media" em mãos, lendo-o deitada, com as pernas para cima) para gravar uma entrevista. Quis saber um pouco da sua história, percurso e atuação no movimento estudantil. Depois dela parei, até porque ficar com o gravador em ônibus que balança muito pela ausência/inexpressividade dos amortecedores enjoava, dando dor de cabeça. Das 12 pessoas que seguiram viagem, apenas 4 rapazes estavam presentes.

A maioria do grupo estava indo para o COBRECOS pela primeira vez, pois os "veteranos" optaram por seguir para o Fórum Social Mundial, que aconteceria três dias após o término do COBRECOS, em Porto Alegre. Ainda assim, grande parte dos estudantes que estavam no ônibus seguiria de Vitória diretamente para Porto Alegre, fechando um ciclo de quase 20 dias de viagem com as mochilas e sacos de dormir nas costas. Embora estivesse com a expectativa de encontrar estudantes do Rio de Janeiro que estão no movimento há mais tempo, percebi que entender as motivações dos "novos alunos" também seria bastante instigante.

Ainda na primeira parada do ônibus Rio-Espírito Santo, percebi um impasse: alguma estudante que havia sido eleita delegada não pode ir ao COBRECOS e por isso, deveriam encontrar uma substituta antes do desembarcar as malas. O alvo já havia sido escolhido: Luana, aluna de Cinema, que pouco conhecia sobre movimento estudantil. Depois de uma certa relutância, acabou aceitando frente ao pedido coletivo. Como delegada, seu voto contaria nas decisões que seriam tomadas na plenária e para tal, sua freqüência nas atividades seria

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

controlada. A coordenação exige dos delegados ao menos 50% de participação nas atividades, tendo a lista de chamada assinada como controle. Caso isso não aconteça, devem se justificar frente à plenária antes de terem seus crachás validados para a votação, tendo a opção, ainda, de credenciar um suplente.

7.2
A estrutura do Congresso

Assim que o ônibus chegou, depois de 7 horas de viagem, a recepção foi afetuosa. Estudantes com camisas em cor diferente e com crachá escrito C.O (Comissão Organizadora) estavam posicionados para dar as boas-vindas, encaminhar todos ao alojamento e lembrar que em breve o Painel iria começar e para isso, o credenciamento deveria ser feito. Entregavam uma pasta com dois "cadernos": um com Propostas de Alteração Estatutária e um de Textos, além do crachá e o "Manual de Sobrevivência" – publicação divertida e ilustrada oferecida aos congressistas, com o papel de oferecer boas-vindas, informações e recados, como sobre a necessidade de se evitar o desperdício de lixo dentro do campus. Segundo contaram, vender ou trazer canecas para os encontros já virou tradição.

Assim que chegamos, estava muito quente, abafado e a visão do alojamento - ginásio poliesportivo com os estudantes jogando futebol, suados, entre colchões, malas e travesseiros espalhados não me pareceu muito animador.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

As camas, colchões d´água, lençóis tomavam o ginásio pelo contorno, deixando o centro livre, bastante amplo, embora não ventilado. As nossas peles grudavam de suor e para isso os chuveiros sem aquecimento não foram um problema.

Observei a forma com que se organizaram para a proposta de "construção coletiva": com o cuidado de vender canecas para evitar o desperdício e acúmulo de copos descartáveis pelo campus (notei que quando os estudantes perceberam que as "quentinhas" do almoço e do jantar estavam vindo em maior quantidade do que estava sendo consumido de fato, solicitaram que a empresa responsável diminuísse as porções); a separação do lixo (idéia de uma estudante de São Paulo); a seriedade com que participaram das atividades - num ritmo intenso, com painéis, grupos de discussão, grupos de trabalho, reunião de regional e plenária - que iniciava às nove da manhã e muitas vezes chegava quase até meia-noite para só depois iniciarem a festa.

Não só "servir café" e "servir almoço" estavam no quadro de "construção coletiva do encontro", construção essa definida por um grande cartaz afixado no ginásio poliesportivo – que serviu de alojamento: a cada dia da semana

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

uma ou duas “regionais” seriam responsáveis por algumas dessas atividades, incluindo ainda a “festa” e “limpeza da festa”.

“Servir café” aparecia como atividade mais difícil, mas nem por isso menos lúdica. A começar pelo horário: se o mesmo já deveria estar às mesas de 7h30 às 8h30 (pães cortados, leite com chocolate preparado em jarras e frutas lavadas) e durante esse período, mãos a postos para marcar com caneta um “x” nos crachás dos estudantes congressistas no quadradinho “café” (não se pode repetir), e ir entregando o lanche, a tarefa da regional começava antes desse horário.

Percebi que os estudantes para essa tarefa se dividiam: enquanto uns ficavam responsáveis por servir, dois ou três ficavam no alojamento tendo como meta acordar todos os outros estudantes. E não tinha mesmo como ficar acordado depois das estratégias desses grupos. Regionais com apitos, outras cantando músicas, outras que batiam palmas, usavam megafone, outras mais doces se revezavam a cada dia entre os colchões e corpos estendidos pelo chão do ginásio, sonolentos e acomodados nos travesseiros trazidos de casa. Muitos resmungavam e reclamavam, mas depois, quando perguntei o que achavam do método, me respondiam gostar muito, porque garantia que a programação do encontro fosse seguida sem atrasos e ainda trazia bom-humor para o despertar. Sim, esse congresso com quase 200 participantes contou com criativos estudantes-despertadores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

As festas a cada dia ficavam sob responsabilidade de uma "regional" do Brasil, cujo grupo ficava responsável pela seleção das músicas, venda de bebidas e recepção dos estudantes. "Bem vindo a festa da Centro-Oeste! Trouxemos cds de músicos da nossa região!" ou "Olhem o que a Regional São Paulo preparou para vocês" eram frases de abertura usadas. Sempre "só até duas da manha", para que a programação do dia seguinte fosse garantida sem sono nem olheiras. Se alguém quisesse burlar essa regra, tudo bem, mas o som era desligado, a cerveja parava de ser vendida e a luz apagada. Alguns estudantes pegavam o violão e cantavam por mais um pouco no jardim – mas nada que impedisse que estivessem de pé no outro dia pela manhã.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

7.3
Um conflito festivo: Indústria Cultural e questões de gênero

Houve um conflito em uma das festas, mas eu já tinha me recolhido. A festa foi cunhada pela regional responsável de "Festa da Indústria Cultural". Lembro-me de ter visto um cartaz afixado junto ao improvisado bar: "Dj Adorno/ MC Horkheimer" – motivo de muito riso para todos que chegavam. A brincadeira fazia referência a Theodor Adorno e Horkheimer, criadores do termo "Indústria Cultural". Para a lógica da chamada "Teoria crítica" da comunicação, não se poderia falar em "cultura de massa" – como de costume, à época, pois para essa corrente, "massa" e "cultura" seriam termos excludentes.

O conceito de cultura com o qual Adorno desenvolve a sua teoria é extremamente fechado. Restringe-se às produções artísticas tidas como eruditas, refinadas, compostas a partir de minucioso rigor e domínio da linguagem: seja ela musical, pictória ou literária. Todo o mais é lixo cultural, raso. A maneira com que Adorno define a arte torna-se basal para a fundamentação do que chama – e critica – de indústria cultural.

A "arte séria", em contraponto com a arte leve, seria a que necessita do exercício da racionalidade e esquematismos kantianos para sua compreensão, a que não vem pronta, mas que pede conhecimento e reflexão para que se instaure o diálogo. O segundo tipo de arte, a leve, é vista por Adorno como leviana, pois embota a capacidade crítica de quem vê. Com elementos de diversão, a arte torna-se entretenimento, fácil, homogeneizada, instrumento de alienação a serviço do capital.

Na programação, músicas da chamada "indústria cultural" tocavam – o que diferia muito do que tinha sido ouvido até então nos outros dias, quando se reconhecia o enfoque regional/ popular brasileiro.

Segundo me relataram no dia seguinte, enquanto as músicas eram estrangeiras, não houve tanta reação – embora alguns estudantes já não tivessem se manifestado positivamente à idéia – mas quando músicas de Funk brasileiro começaram a tocar, houve discussões, culminando com o desligamento do aparelho de som pelos estudantes que não se conformavam em ouvir esse tipo de música. Estudantes me diziam que não fazia sentido estar em um encontro no qual se discutia as opressões na mídia e na sociedade durante o dia e à noite agir de forma "a-crítica", dançando e se divertindo ao som de músicas consideradas opressoras, que exploravam sexualmente as mulheres, adotando posturas machistas e sexistas. De qualquer forma, percebi que esse não foi um posicionamento unânime, e duas falas são significativas para entender essas diferenças.

> *Isso, na minha opinião é terrível, porque se você for analisar, teve uma hora que tocou Britney Spears e ninguém falou nada. E a letra da musica dizia "Im slave for you". Ela estava falando que é uma escrava do cara e ninguém falou merda nenhuma! E metade do povo que estava aqui falava inglês! Agora porque estava tocando funk, que fala "dói um tapinha não dói", o pessoal fica ó meu deus, ó meu deus, faz um tempestade em uma xícara de água.*
>
> Lucas, Estudante de Goiânia

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

Procurei uma estudante ligada ao GET Combate às Opressões e pedi sua opinião. Sua resposta desconstruía o teor opressor nas músicas de funk, invertendo, ao contrário, o seu sentido. Nanda, do Rio Grande do Sul, dizia que a postura da Tati Quebra-Barraco, por exemplo, é decidida e vai de encontro ao papel de mulher submissa destinado às mulheres, podendo ser vista, então, como emancipadora. Tati Quebra-Barraco pode dizer que "Daco é bom" ou "me chama de putona só porque eu como o teu macho" sem temer os julgamentos de uma sociedade machista.

Essa mesma estudante reivindicou na abertura do congresso que os documentos da ENECOS não fizessem referência apenas ao sexo masculino, mas também ao feminino, solicitação que foi incentivada entre aplausos do auditório e depois, aprovada como resolução na plenária final. O dilema trazido pela festa extrapolou a esfera de comentários isolados, ganhando força nos GDs e GETs de Combate às Opressões. Na plenária final ficou decidido que deveria haver reflexo do combate conceitual trazido pelos estudantes com a prática de cada um no seu dia-a-dia, inclusive dentro do movimento estudantil – o que se subentende, dentro inclusive das festas organizadas nos eventos.

Desses sete dias de estudo, trabalho e festas, uma manhã já vinha separada para o "convívio local". Os estudantes ficariam liberados para conhecer a cidade, interagir com a "cultura local". Muitos seguiram para as praias em Vila Velha, outros visitaram a Fábrica de Chocolates da Garoto ou ainda foram até o shopping usar a Internet. As atividades do congresso já eram intensas e como o campus da faculdade particular que foi sede do congresso era afastado do centro e localizado num bairro considerado violento no Espírito Santo, percebi que os estudantes evitavam sair e a programação era praticamente seguida à risca.

A C.O (Comissão Organizadora) ainda passava as madrugadas em reunião, vendia camisetas e ajudava a compor as mesas que traziam palestrantes ao auditório, atuando ora como mediadores, ora como expositores. Enfim, tudo integralmente organizado por eles - estudantes de Comunicação Social, rapazes e moças entre 18 e 23 anos vindo de diferente cidades do Brasil – entre alunos recém-entrados na universidade e os que já estão se formando - por acreditarem na importância da "deliberação política" do movimento estudantil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

O termo "opressão" e seus correlatos (opressores, opressivo) apareceram com freqüência nas frases desses alunos. Existe um GET (Grupo de Estudo e Trabalho) derivado dessa idéia, "Combate às opressões", que percebi estar muito em voga entre eles. Um estudante de Goiás – líder do movimento gay no Brasil - usou mini-saias e chiquinhas coloridas para representar o movimento contra o homofobismo. Depois do meu terceiro dia de observação e acompanhamento das atividades, um grupo me chamou durante o café da manhã para conversar.

Eu seria interpelada entre risos por sotaques sulistas sobre o meu lugar ali: "Ilana (o nome ficava na credencial) a gente fica vendo tu anotando tudo, fotografando tudo, observando tudo. O que tu tás fazendo? A gente tá se sentido *oprimido*!" Fiquei constrangida, era tudo o que eu não queria ouvir naquele momento. Expliquei que tinha a autorização da coordenação da ENECOS para participar do congresso por motivo da pesquisa e que acreditava que caberia aos responsáveis terem avisado a todos sobre o meu papel ali, mas que se isso não tinha acontecido, eu pedia desculpas e me colocava à disposição. Eles disseram ser um prazer contribuir para a pesquisa.

Esse contato de uma semana – dormindo no mesmo ginásio, tomando banho em chuveiros sem divisórias, comendo apenas as quentinhas (emagreci dois quilos), participando das festas, observando as falas, as propostas, as brigas, os desejos de "deliberarem" sobre "eixos" que iam desde a "sociedade" (governo Lula, neoliberalismo), passando pela "comunicação" (democratização da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

comunicação) e "educação" (reforma universitária), me permitiu ter uma visão panorâmica de como tem se configurado o movimento nacionalmente.

A preocupação em promover discussões que estão além do âmbito da Comunicação Social, através de "análises de conjuntura", indica o interesse por uma formação ampla, que os capacite para intervir na realidade. Não considero à toa, por esse prisma, encontrar na fala da atual coordenadora da Regional Rio os seguintes termos:

> *Costumo dizer que a ENECOS é uma outra faculdade. Discussão sobre democratização da comunicação eu tenho plena certeza que um aluno que tenha como sa única forma de informação o curso de Comunicação Social (...) ele não vai saber discutir democratização da comunicação, ou pior, dificilmente ele vai pensar que o modelo de comunicação brasileiro tem alguma coisa de errado.*

"Isolados somos ilhas, juntos somos continentes", foi a frase-tema do COBRECOS, que tem seu ideário desdobrado no poema de Manuel Peixoto, divulgado na capa do Caderno de Textos do XII COBRECOS, assim como nos adesivos de divulgação:

> *Solidários, somo gente / Solitários, somo peças / De mãos dadas, somo força / Desunidos, impotência / Isolados, somos ilhas / Juntos, somos continentes / Inconscientes, somos massa / Reflexivos, somo grupo / Organizados, somos pessoas / Sem organização, objeto de lucro / Em equipe, ganhamos, libertamo-nos / Individualmete, perdemos, continuamos presos / Participando, somos povo / Marginalizando-nos, somos rebanho / Unidos, somo soma / À mesa, somos números / Dispersos, somos vozes no deserto / Agrupados, fazemo-nos ouvir / Amontoando palavras, perdemos tempo / Com ações concretas construímos sempre.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

Notei que a leitura parecia ser companheira de viagem de muitos. À noite, após as festas, não raro encontrei estudantes enrolados em seus lençóis, mas com um dos braços servindo de suporte para a cabeça: liam. As fotos a seguir foram tiradas, para se ter uma idéia, às 3 da manhã, quando Veríssimo, Gil Vicente, Saramago, Marx, Caco Barcellos e Gabriel Garcia-Marques eram visitados por olhos noctívagos. Em outros espaços, momentos e horários encontrei Thoreau, Max Weber e Milan Kundera[16].

16 Indico os títulos que estavam sendo lidos, colocando entre parênteses as universidades de origem dos estudantes: Veríssimo (Incidente em Antares, UFMG); Gil Vicente (Auto da barca do inferno farsa de Inês Pereira, USP); Crítica Marxista (PUC-RS); José Saramago (O homem duplicado, UFRJ); Caco Barcellos (Rota 66, PUC-PR); Gabriel Garcia-Marques (Viver para contar, PUC-PR/ Doze contos peregrinos, estudante de Moçambique); Henry Thoreau (Desobedecendo a desobediência civil e outros escritos, UFF); Max Weber (A ética protestante e o espírito do capitalismo, PUC-SP).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

7.4
O inesperado para o lugar de pesquisadora

Se o COBRECOS ia de domingo a domingo, no cair da noite de sábado tive suspeita de dengue. Com febre alta, enjôos e picadas de mosquito por todo o corpo, eu tremia, sozinha, deitada em meu saco de dormir. A C.O trouxe um termômetro, estava com um pouco mais de 40 graus. Na mesma hora, quatro estudantes me colocaram em um de seus carros e me levaram para o hospital mais próximo. No início, resisti, não queria aceitar – essa situação me deixava extremamente desconfortável.

Sabia que a noite de sábado seria a mais festiva, a despedida do congresso e comemorativa por tantos dias de estudo de trabalho! Mesmo assim, dois estudantes do Espírito Santo (C.O), um do Rio de Janeiro e uma do Maranhão (que tinha sido entrevistada por mim no início da semana) fizeram questão de me acompanhar. Pedi para que me deixassem no hospital – soube que deveria ficar internada – poderia voltar de táxi, já estava sob cuidados médicos e ficaria bem. Mas nada os convencia. Ficaram esperando até eu ser liberada, o que só aconteceu às 3 da manhã. Para Foote-Whyte, o observador é parte do contexto, modificando e sendo modificado (1980, p.85). Lembrar-me das palavras de Da Matta (1981) foi fundamental, pois embora o autor esteja refletindo a partir do lugar do antropólogo, o caminho da construção da pergunta também cabe para os atores que estão sendo observados:

> *"Mas como é possível manter essa neutralidade ideal, que teoricamente nos permitiria 'ver' todas as situações de todos os ângulos, se estamos tratando de fatos e de pessoas que acabam por nos envolver com seus dramas, projetos e fantasias?"* (p.153)

No dia seguinte, logo pela manhã, peguei o primeiro avião e voltei para o Rio de Janeiro – agradecida pela acolhida, triste por não ter conseguido acompanhar a plenária final, mas certa que não agüentaria, com aquele estado de saúde, voltar tremulando em ônibus por 7 horas de viagem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

7.5
A construção das deliberações

Devido ao caráter deliberativo do COBRECOS (e por isso são pensados os grupos de discussão e de trabalho, para serem espaços de "acúmulo" político), pude ter acesso, posteriormente, às deliberações votadas em cada eixo (sociedade, educação, comunicação e movimento estudantil), que passam a vigorar como resoluções durante o ano de 2005. Todo ano, a cada COBRECOS, são avaliadas as posições escolhidas e votadas pelo COBRECOS anterior, assim como incorporadas outras. O documento 2005, fruto das discussões, é publicado no "Caderno de Resoluções 2005[17]", que trouxe entre as suas 10 páginas, por exemplo, decisão pelo não reconhecimento da UNE como entidade representativa dos estudantes, o que pode ser considerado um rompimento histórico.

Uma das principais reivindicações da ENECOS passa pelo combate à Reforma do Ensino Superior defendida pelo governo Lula, o que motivou a publicação de cartilhas a serem distribuídas nas "escolas" entitulada "Para barrar essa reforma". A UNE, ao contrário, divulga em seu *site* oficial *links* não apenas para cartilhas do MEC em favor da reforma, como para os programas que lhe são frutos, como o PROUNI e ENADE – sendo por isso considerada como "atual braço do governo", instaurando um grande descrédito entre os estudantes que lutam contra as reformas neoliberais.

Além disso, paira a sensação de que a UNE não tem mais se apresentado como um "espaço de disputa" como conseqüência de sua partidarização acentuada e explícita, sendo preferível, portanto, romper com a mesma. Segundo os estudantes, a juventude UJS (União da Juventude Socialista/PcdoB) tem monopolizado as eleições e decisões da UNE, descaracterizando o necessário debate democrático. Meses depois, inclusive, os principais jornais do país noticiaram sobre as suntuosas quantias recebidas pela UNE via governo federal (de janeiro a agosto de 2005, R$ 1,185 milhão), que segundo informações de diretores da UNE, referem-se a um convênio feito com o Ministério da Cultura para financiar o Circuito Universitário de Cultura e Arte em São Paulo, Paraná e Campina e para financiar o congresso anual da UNE, ocorrido

[17] O Caderno de Resoluções 2005 está disponível na íntegra em http://www.ENECOS.org.br, assim como também em anexo nessa dissertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

em junho, com a participação de 15 mil estudantes. Essas informações parecem poder ser casadas com a participação em marcha feita por essa mesma entidade em defesa de um governo após denúncias de corrupção (o escândalo do "mensalão"). No jornal:

> *Manifestação chapa-branca lança bordão "Fica, Lula" - A polícia acompanhou tudo de perto. Mas nem era preciso. Em fez da tradicional rebeldia, 10 mil pessoas - a maioria estudantes de cara pintada - ocuparam a Esplanada dos Ministérios para uma comportada manifestação em defesa de Lula. Liderados pela UNE, CUT e MST, atacaram a política econômica do governo, pediram a apuração das denúncias de corrupção, mas não fizeram crítica direta ao presidente da República. Pelo contrário. Lançaram até um bordão chapa-branca: "Fica, Lula". (Correio Braziliense, 17/08/2005, pág. 1 e 8)*

Para se contrapor à UNE, foi criada uma outra entidade, a CONLUTE – que embora tenha tido defensores no COBRECOS (são os mesmos estudantes que irão formar, meses depois, a primeira chapa de oposição à gestão da ENECOS) não foi aceita na votação final como instância representativa. O apertado nó estava localizado, mais uma vez, na associação partidária. Um estudante de Goiânia, no painel de abertura do COBRECOS – havia um momento reservado para a avaliação da executiva – falou ao microfone:

> *A gente tem outra questão que surge, mas que na minha opinião, que atrapalha o movimento porque se surge uma outra instância paralela às outras instituições que é a Conlute, mas que não vem de forma a ampliar o movimento, porque tem uma política adesista e uma política sectarista e é hegemonizada por uma tendência que é o movimento estudantil MRS e a Juventude do PSTU.*

Um dos adeptos da CONLUTE, estudante carioca, usou sua fala para mostrar que não concordava com essa visão, dizendo que ser filiado a partido (no caso, PSTU) não o desqualifica. Para ele, se organizar em partido político significa partir de uma ideologia considerada boa para transformar a sociedade. Sua irmã, que também compartilha os mesmos ideais, disse que: "*A gente quer uma revolução socialista, a gente quer mudar esse país"*.

O casal distribuiu durante o congresso publicações de três sortes: um panfleto divulgando a "Convocatória do Encontro da CONLUTE" que aconteceria dias depois no Fórum Social Mundial, uma "Carta às Executivas e Federações de Curso", assinada pela Conlute e uma "Tese para o XII COBRECOS" na qual as críticas são tecidas por argumentos que dizem encontrar na ENECOS a defesa do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

governo Lula e do PT a qualquer custo, mesmo com "seu calendário de reformas privatizantes e de entrega de recursos ao capital". A tese passava por 11 momentos marcados pelos imperativos, dos quais posso destacar o "Abaixo o governo neoliberal de Lula" e "Não reconhecer mais a UNE, pela entrada da ENECOS na Conlute".

Como explicava o panfleto, A CONLUTE (Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes) surgiu em maio de 2004, a partir do "Encontro Nacional contra a Reforma Universitária de Lula e FMI", realizado no Rio de Janeiro. Apresentava-se como alternativa a UNE que "abandona suas bandeiras históricas e passa definitivamente para o lado do governo, construindo junto com ele a proposta de reforma que vai acabar com a Universidade Pública no país", afirmava articular centenas entidades em todo o Brasil para esse fim.

O debate sobre a continuidade ou não do reconhecimento da UNE foi o destaque do COBRECOS. Lembro de terem sido oferecidos Grupos de Discussão (GDs) sobre diferentes temas referentes aos eixos sociedade, comunicação e educação, com número limitado de vagas para cada sala. A idéia de restringir os participantes foi pensada, segundo a coordenação, para evitar que apenas um tema fosse discutido em detrimento de outros, principalmente porque a partir desses grupos que são pensadas nos Grupos de Trabalho (GETs) as propostas para serem votadas na plenária.

Em uma das noites, no entanto, o desejável equilíbrio entre as discussões não foi mantido. A sala que estava com a placa "GD UNE x CONLUTE" foi a primeira a ser "lacrada", devido ao grande número de estudantes que se dirigiram para lá. Se o permitido seria 20 alunos para cada espaço, a C.O acabou liberando mais 10 vagas devido à pressão, que não cessava. Vi estudantes pendurados às janelas, nas pontas dos pés, querendo ouvir o que estava sendo discutido.

Conforme novos estudantes voltavam do jantar e se encaminhavam para a mesma sala, insistindo em entrar, a C.O não sem reclamar recuou e acabou liberando a entrada de todos que quisessem. A sala ficou lotada, com quase sessenta estudantes amontoados, enquanto outros GDs ficaram completamente vazios. Por mais que a maioria considerasse que a UNE não está mais em disputa, devendo por isso deixar de ser vista como representativa, ainda eram ouvidas vozes que consideravam essa renúncia uma entrega vencida, desconsiderando todo um histórico de lutas. Ainda assim, a CONLUTE não foi vista, entre a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

maioria do grupo, como a melhor opção, pois é partidária ao PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado).

Dessa forma, posso dizer que acreditar na mudança e na transformação da sociedade foi apontado por todos os estudantes como motor para suas participações no movimento estudantil. Porém, a concepção dos caminhos que devem ser seguidos e priorizados para alcançá-la não são consensuais. Pelo menos no que diz respeito à gestão da ENECOS observada, há forte relutância a qualquer associação partidária, que segundo eles, "aparelha" o movimento estudantil. Contar com poucos recursos, inclusive para a impressão de cartilhas, adesivos, jornais e materiais "para ter uma política de formação decente", como defendido por um estudante de Brasília – pode ser visto, por outro lado, como extremamente positivo. Isso porque segundo vários estudantes, quando um centro acadêmico apresenta um caixa alto, provavelmente estará recebendo investimento de algum partido político, o que deve ser evitado a todo custo em nome dos ideais de liberdade, independência e democracia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

7.6
Democracia burocrática: um dilema

Sob a intenção de um telhado democrático, há o risco de deixar habitar a burocracia. Essa pareceu ser uma tensão para o grupo, principalmente para os estudantes mais novos no movimento estudantil. Como garantir a fala de todos sem a contagem minuciosa dos minutos, sem a "inscrição" para falar, sem regras burocráticas para o funcionamento de uma plenária, por exemplo? Mesmo os estudantes que se irritavam e/ou desestimulavam com essa forma de interação, não conseguiam imaginar alguma outra forma viável de ação que estivesse inscrita nos ideais democráticos.

Acompanhei um debate de quarenta minutos (com intervalo) na qual se discutia de forma cansativa o percentual que deveria ser votado para o encaminhamento de questões de mérito e de pertinência. Além de toda o desgaste para decidirem se seria mantido o 30% ou se reduziria para 20%, constantemente questões de esclarecimento e questões de ordem eram pedidas para tentar clarear o que estava em debate. Qual seria afinal a diferença entre mérito e pertinência? A

não concordância com o que estava sendo votado, o pedido de mais um adendo e permissões de fala ao microfone para defender ou rebater propostas abriu um vale temporal aos pés dos estudantes, esvaziando o auditório com uma debanda de mais de quinze pessoas. Fui atrás e ouvi de uma universitária da PUC-SP, apoiada por mais duas amigas, que estavam na primeira vez no COBRECOS:

> *Uma coisa que me deixa um pouco irritada e que serve muito para atravancar o movimento estudantil são essas picuinhas, são essas discussões burocráticas. Ao invés das pessoas estarem se livrando da burocracia, elas ficam criando burocracias, para ficar, no final das contas, vendo quem formula o melhor artigo (...) Se mérito ou pertinência, eu garanto que ¾ daquela sala lá não sabem diferenciar. Então fica aquela discussão para mudar parada que não leva a nada.*

Mesmo nos Grupos de Discussão ou nos Grupos de Estudo e Trabalho (GDs e GETs), que são pensados para propiciar uma maior aproximação e debate entre os estudantes, e justamente por isso são espaços para uma menor quantidade de estudantes (15 pessoas em média), não conseguiam fugir às regras. Havia sempre alguém responsável por controlar o tempo da fala de cada um (que era cedida na ordem em que os pedidos para serem 'inscritos' fossem sendo encaminhados à mesa) o que geralmente não podia ultrapassar dois minutos. Um olho na fala e outro no relógio comumente prenunciava a frase, nem sempre atendida, "seu tempo acabou, conclua por favor". Um estudante avaliou essa situação da seguinte maneira:

> *"(...) como é inscrição, existem falas, as pessoas tem interesse em falar uma coisa, acaba ficando meio doido o debate porque eu tô falando de um assunto e como uma outra pessoa está inscrita, ela vai querer falar de outra coisa e aquilo que eu falei não foi comentado e aí ficam parecendo vários monólogos".* (Tiago, UNIFOR (CE), 20 anos, 7º período)

De qualquer maneira, essa maneira de dialogar se constituía como uma nova aprendizagem, recebendo ao final uma avaliação positiva. Um formando da UNB, em Brasília, conta sobre sua experiência no movimento estudantil dizendo que:

> *Estou há 3 anos no movimento e putz... a diferença é absurda! Tanto em saber me posicionar diante de um grupo, saber defender minhas posições, até o próprio acúmulo de formação política mesmo. Como eu enxergo a sociedade é muito grande a diferença. É um aprendizado humano, político, acadêmico, é uma diferença gigante.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

Essa diferença passa a ser "gigante" porque gigante também é o horizonte do que se propõem a estudar, pensar, discutir, "acumular" e deliberar. Motivados pelas exposições orais de professores e de convidados em painéis (conferências), que são realizadas em auditórios cheios a cada dia sobre um eixo temático diferente (sociedade, comunicação e educação) os estudantes também participam de Grupos de Discussão (formados a partir dos três eixos) para se aprofundarem na discussão - quando também são convidados estudantes do movimento estudantil ou professores especialistas no tema para atuarem como mediadores.

Na programação da semana, um momento para a reunião de cada Regional também era reservado. No ano em que fiz a observação, o citado espaço ficou para a parte da tarde do dia em que a manhã era livre. Quase todas as regionais aproveitaram para fazer as reuniões então, na praia, o que foi considerado muito proveitoso. Havia ainda, a reunião dos GETs, que são os Grupos de Estudo e Trabalho da ENECOS, organizados nacionalmente a partir de listas de discussão virtuais. Atualmente estão funcionando os seguintes GETs: Democratização da Comunicação, Combate às Opressões, Qualidade de formação, Políticas de Finanças, Políticas de Comunicação. A programação publicada no Manual de Sobrevivência oferece a dimensão e a forma como foi pensado o congresso:

Horários	16 DOM	17 SEG	18 TER	19 QUA	20 QUI	21 SEX	22 SÁB	23 DOM
8-9h	Credencia-mento	Café da Manhã						
9-12h30		GDs Sociedade	Painel Comunica-ção	Livre	GTs	Plenária	Plenária	Planeja-mento Nacional
12h30-14h	Almoço							
14-18h	Aprov. Regimento Interno e Plenária de Avaliação do Mecom	Painel Educação	GDs Comunica-ção	Reunião das Regionais	GTs	Plenária	Plenária	Planeja-mento Regional
18-19h30	Jantar							
19h30-23h	Painel Sociedade	GDs Educação	GDs Mecom*	Reunião dos GETs	GTs	Plenária	Plenária	Planeja-mento GETs

* Os Gds Mecom (17/01) serão divididos em dois blocos: o 1º das 19h30 às 21h30 e o 2º das 22h à 0h.

Somente depois dessas "instâncias formativas" que os estudantes partiam para os Grupos de Trabalho, a partir de onde sairiam as propostas de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

posicionamentos políticos defendidos em cada eixo temático para serem postos em votação na plenária. Nem sempre havia consenso dentro do GET sobre os posicionamentos políticos a serem encaminhados. De acordo com o regimento interno – que é submetido à aprovação através do voto dos estudantes no primeiro dia do congresso - seria preciso ter no mínimo 30% de aprovação entre os participantes, sejam delegados ou observadores para que uma proposta fosse encaminhada à plenária mas um estudante da UFRJ defensor da CONLUTE gritou "destaque", indo ao microfone usar os dois minutos permitidos para sugerir que a percentagem mínima fosse reduzida para 20%, o que foi aceito pela maioria. As propostas em disputa foram redigidas uma em seguida da outra para serem lidas em seqüência e votadas. Foi quando o auditório se transformou num mundo de mãos aos ares querendo ter voz, mãos essas que ganham a forma de palmas ou contrações dependendo do resultado.

Importante ressaltar que embora o regimento interno do congresso definisse que para cada GDs e GETs haveria um relator para "anotar os pontos relevantes dos debates e registrar as propostas aprovadas", não consegui recuperar esses materiais para análise. As atas, chamadas de "relatorias" não foram divulgadas ora porque não foram digitadas, ora porque depois de votada uma proposta, a discussão não tenha sido retomada. Por mais que os estudantes se queixem com freqüência usando a expressão "nós não temos pernas", ou seja, se sentem sobrecarregados, pois alem de estudarem e fazerem estágio, ainda se ocupam do movimento estudantil, a não organização de materiais como as "relatorias" acaba comprometendo o registro histórico do movimento estudantil, assim como o tão citado "acúmulo teórico".

Um exemplo ilustrativo sobre esse problema pode ser encontrado na opção da "maioria absoluta" da plenária (50% + 1 de todos os votantes) por sair da coordenação do FNDC[18]. Essa foi uma proposta ensejada a partir dos Grupos de Estudo e Trabalho que discutiram o eixo Comunicação, especificamente a Democratização da Comunicação – proposta essa que pode ser considerada tão histórica como a escolha pelo não-reconhecimento da UNE como entidade representativa dos estudantes. Os estudantes que estiveram no COBRECOS e participaram das discussões e votações, penso que ficaram aptos a entender os

[18] FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, organização em que a ENECOS atua na coordenação desde sua origem, no início da década de 1990.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA

motivos que levaram a essa escolha e concordar ou não com ela. Mas e os estudantes que não participaram, como poderiam ter acesso às justificativas que engendraram uma ruptura desse porte?

Faço essas perguntas porque quando as "relatorias" não são escritas, o que fica sendo divulgado pelo sítio da ENECOS são as deliberações aprovadas para o ano 2005. Se um estudante lê as resoluções, mas não tem acesso ao conjunto de fatores a partir dos quais as mesmas foram decididas, perde-se um frutífero espaço de formação e reflexão mais abrangente, que extrapole os muros dos encontros estudantis e fale por si só, podendo ser reproduzido e levado até as diferentes e as mais longínquas "escolas". Cheguei a insistir via listas de discussão virtuais para que as "relatorias" do eixo Comunicação fossem enviadas, mas não obtive êxito. Se a questão da comunicação dentro de um movimento de estudantes de comunicação foi indicada a partir desse primeiro contato, posso adiantar que foi aprofundada com minha permanência no campo, sobre o que comentarei ao longo da dissertação.

Importante ressaltar que essa fluidez não é absoluta. Tomadas de posição frente à Reforma Universitária, por exemplo, foram transformadas em cartilhas, conseguindo resistir à tendência à liquidez do movimento estudantil. Impressas em preto e branco, grampeadas e dobradas pelos próprios estudantes, essas publicações alternativas ganharam espaço nas "escolas", fomentando reflexões e ampliando o cenário formativo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410325/CA